

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)

VOL VI



EDITORA  
ARTEMIS  
2024

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)

VOL VI



EDITORA  
ARTEMIS  
2024



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizador</b>	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
<b>Imagem da Capa</b>	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*  
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*  
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil  
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yañez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*  
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*



Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del Pais Vasco, Espanha  
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*  
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha  
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*  
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. VI / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-81701-18-5

DOI 10.37572/EdArt\_310724185

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



## PRÓLOGO

Como la obra “Humanidades e Ciências Sociais: Perspectivas Teóricas, Metodológicas e de Investigação”, ha tenido gran éxito, nos complace presentar el Volumen 6. Si, ya son 6, y aquí tenemos 18 capítulos en tres secciones, donde agrupamos las investigaciones sobre Humanidades y Ciencias Sociales que abarcan la Educación, las problemáticas Sociales, y las empresas.

En el apartado que llamamos “Educación: Investigación y Nuevas tecnologías” incluimos 8 capítulos que abarcan desde la Educación Básica hasta la Universitaria, desde nuevas tecnologías, como las redes sociales, pasando por la enseñanza híbrida, hasta la Inteligencia Artificial. Como el nombre lo indica, son tecnologías nuevas, por lo que no se han establecido aún parámetros de normalidad con fines de comparación. Cuales tecnologías son más efectivas que otras, cuando se deben aplicar solas, y cuando en combinación. De esta forma, cada estudio que se realiza agrega un granito de arena al vasto océano del conocimiento. Iniciamos revisando la primaria rural, donde se propone que la Interculturalidad puede romper la desigualdad, la exclusión y la dominancia, resolver los conflictos y las tensiones en las perspectivas de vida, sus cosmovisiones y sus saberes. En el segundo capítulo se estudian las redes sociales y su posible efecto sobre las habilidades sociales. A continuación se ensaya la modalidad híbrida en la formación técnica y tecnológica, con mayor éxito, logrando un perfil óptimo. En cuarto lugar se utiliza un sistema digital de Enseñanza Aprendizaje, con Inteligencia Artificial, para traducir texto a lenguaje de señas y realizar la traducción en sentido inverso, mejorando la comunicación bidireccional. Esto representó un proceso de retroalimentación personalizada, y de forma inclusiva y equitativa. Seguimos con la medición del perfil agentivo en universitarios, midiendo el logro de metas y el aprendizaje colaborativo. Conforme los alumnos avanzan en los semestres, aumenta su percepción de agencia colectiva. Continuamos con la revisión de la técnica de observación de las prácticas educativas, como procedimiento metodológico de investigación, su interconexión, triangulación y procesamiento de datos. Incluimos a continuación un trabajo sobre Inteligencia Artificial donde se tratan cuestiones éticas como su uso responsable. Se detalla su aplicabilidad, sus límites, sus impactos tanto positivos como negativos y sus verdaderos alcances. El apartado finaliza con un capítulo sobre la práctica en el trabajo social. Proporciona ejemplos prácticos de estrategias y habilidades duras (técnicas) y blandas (comunicación, empatía).

En la segunda sección “Problemáticas Sociales y Ambientales” se ilustra un tema de actualidad, que incluye la posibilidad de desastre, de un camino sin retorno, como consecuencia del abuso de recursos que han provocado cambios climáticos, escases de agua y alimentos, incendios, inundaciones, pérdida de bosques y selvas, etcétera. Con 4 capítulos, esta sección trata de problemáticas analizadas para el caso de México, Colombia, Camerún, e Italia. Problemas comunes a una infinidad de países. Iniciamos con la certificación de Playas en Acapulco. Las playas son un recurso común, y aunque

los grandes hoteles se han apropiado de algunas, es un recurso de difícil exclusión, y la certificación, aunque necesaria, no es suficiente para la búsqueda de un turismo sustentable. Seguimos con la construcción de obras que responden a necesidades nacionales, pero que provocan problemas locales. Este caso corresponde a una repesa para generar energía, con fines de modernización y desarrollo, pero con consecuencias socioculturales en la comunidad donde se construyó. Como tercer trabajo tenemos el conflicto del uso del suelo, en específico, la minería contra la degradación del bosque. Oro y demás metales que pesan más en la balanza económica que el oxígeno y los alimentos. El cuarto y último capítulo de la sección trata de la estimación de eventos meteorológicos extremos, que son ahora más frecuentes por las malas decisiones que hemos tomado contra nuestro planeta. Como si tuviéramos recursos infinitos para depredar, las consecuencias de nuestros abusos se reflejan en un porcentaje de mayor peligro de incendios cada verano, pronosticados especialmente para Italia, pero que hemos sufrido en muchas otras partes del mundo.

El tercer apartado “Economía, Empresa y Gestión”, con 6 capítulos, trata sobre la economía desde el caso de los particulares, a las pequeñas tiendas, a la relación entre Universidades y Empresas, pasando por las PYMES, las decisiones de inversión en empresas de mayor envergadura, y finalizando con el papel de la mujer en la economía. Iniciamos con una de las consecuencias económicas del COVID, el repunte de los pagos electrónicos, el cierre de las tiendas físicas, la educación digital, y la persistencia de la digitalización. Seguimos con las tiendas y su competencia y los desafíos que enfrentan contra las multinacionales. Se sugiere, entre otras estrategias, la cooperación entre las tiendas, mejorar el marketing, ajustar los precios, etcétera. El tercer capítulo presenta a las pequeñas y medianas empresas, con un débil vínculo con las Universidades, que no poya de manera clara la transformación empresarial, ni la gestión del conocimiento. La baja inversión en infraestructuras que impulsen la inteligencia empresarial impide ajustarse al orden global. Continuamos con un tema con íntima relación: la Cultura Organizacional, que debería impulsar en este sector, la gestión del conocimiento, las estrategias corporativas, estabilidad y armonía. El quinto capítulo habla del presupuesto de capital y las decisiones de inversión. Antes de la toma de decisiones tan crucial, las oportunidades de inversión deben clasificarse según los rendimientos esperados, y aquí se revisan diversas técnicas con dicho objetivo. La obra finaliza analizando el rol que la mujer juega no digamos en la economía, sino en toda la sociedad. Se revisa la obra de Soledad Acosta, prolífica escritora, periodista, historiadora, que reivindica la educación de las mujeres para construir una mejor sociedad.

Esperamos que este Volumen, además de muy completo, y muy variado, resulte también muy placentero en su lectura.

Dr. Luis Fernando González Beltrán  
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

## SUMARIO

### EDUCACIÓN: INVESTIGACIÓN Y NUEVAS TECNOLOGÍAS

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

INTERCULTURALIDAD Y EDUCACIÓN PRIMARIA RURAL

Víctor Manuel Granados Martínez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241851](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241851)

#### **CAPÍTULO 2..... 14**

USO DE LAS REDES SOCIALES Y SU RELACIÓN CON LAS HABILIDADES SOCIALES EN ESTUDIANTES DE UNA INSTITUCIÓN PÚBLICA DE AREQUIPA, PERÚ

Luis-Dugasvili Cuadros-Linares

Luis-Ernesto Cuadros-Paz

Rocío-Marivel Díaz-Zavala

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241852](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241852)

#### **CAPÍTULO 3..... 23**

FORMACIÓN TÉCNICA Y TECNOLÓGICA EN MODALIDAD HÍBRIDA “ESTUDIO DE CASO: TECNOLOGÍA SUPERIOR EN CUIDADO CANINO” DEL INSTITUTO SUPERIOR TECNOLÓGICO SUPERARSE

Renee Nickole Jaramillo Uvidia

Karla Elizabeth Novoa Medina

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241853](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241853)

#### **CAPÍTULO 4..... 39**

SISTEMA DIGITAL DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE PARA LAS PERSONAS SORDAS APLICANDO INTELIGENCIA ARTIFICIAL

Giuseppe Francisco Falcone Treviño

Zaida Leticia Tinajero Mallozzi

Joel Luis Jiménez Galán

Cielo Verónica Ibarra Córdova

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241854](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241854)



**CAPÍTULO 5..... 91**

**PERFIL AGENTIVO EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS**

Martha Cecilia Jiménez Martínez

Yasmit Adriana Arias Peña

María de los Ángeles Maytorena

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241855](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241855)

**CAPÍTULO 6..... 104**

**A OBSERVAÇÃO ENQUANTO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO NA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

Filomena Pestana

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241856](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241856)

**CAPÍTULO 7..... 117**

**IMPORTANCIA DE LA RESPONSABILIDAD Y EL PAPEL DE LA ÉTICA EN LAS APLICACIONES DE LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL**

Gabriela Noemí Elgul

Pia Agustina Fava Elgul

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241857](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241857)

**CAPÍTULO 8..... 122**

**MAINTAINING PROFESSIONAL BOUNDARIES: THE ROLE OF HARD AND SOFT SKILLS IN SOCIAL WORK PRACTICE**

Hana Donéevá

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241858](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241858)

**PROBLEMÁTICAS SOCIALES Y AMBIENTALES**

**CAPÍTULO 9..... 134**

**CAMINANDO HACÍA UN TURISMO SOSTENIBLE EN ACAPULCO, GUERRERO; A PARTIR DE LA CERTIFICACIÓN DE PLAYAS**

Miguel Angel Cruz Vicente

Guadalupe Olivia Ortega Ramírez

Norberto Noé Añorve Fonseca

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3107241859](https://doi.org/10.37572/EdArt_3107241859)

**CAPÍTULO 10.....143**

PROBLEMÁTICAS SOCIO CULTURALES QUE DESENCADENARON LA CONSTRUCCIÓN DE LA REPRESA SALVAJINA EN LA COMUNIDAD DEL MUNICIPIO DE SUÁREZ CAUCA- SUROCCIDENTE COLOMBIANO

Laura Xiomara Molano Agro

Lina Juliana Robayo Coral

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418510](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418510)

**CAPÍTULO 11..... 161**

MAPPING OF THE DILEMMA OF MINING AGAINST FOREST AND CONSERVATION IN THE LOM AND DJÉREM DIVISION, CAMEROON

Mesmin Tchindjang

Eric Voundi

Philippe Mbevo Fendoung

Unusa Haman

Frédéric Saha

Igor Casimir Njombissie Petcheu

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418511](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418511)

**CAPÍTULO 12 ..... 180**

ESTIMATING FIRE DANGER OVER ITALY IN THE NEXT DECADES

Paola Faggian

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418512](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418512)

**ECONOMÍA, EMPRESA Y GESTIÓN**

**CAPÍTULO 13..... 201**

HÁBITOS DE CONSUMO EN PAGOS ELECTRÓNICOS DURANTE Y DESPUÉS DE LA PANDEMIA DE COVID-19 EN LA PROVINCIA DE EL ORO

Carolina Uzcátegui-Sánchez

Jean Palomeque-Jaramillo

Ariana Herrera-Pérez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418513](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418513)

**CAPÍTULO 14.....221**

ANÁLISIS SITUACIONAL DE LAS TIENDAS UBICADAS EN LA COMUNA 1 DE MONTERÍA FRENTE A LA ENTRADA DE LAS MULTINACIONALES ARA Y D1: UN ANÁLISIS DE SU INFLUENCIA Y SU IMPLICACIÓN EN LA DINÁMICA COMERCIAL LOCAL

Carlos Alfonso Márquez Ángel

Javier Dario Canabal Guzman

Helmer Muñoz Hernandez

Valentina Mestra Paez

Maria Alejandra Rojas Gómez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418514](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418514)

**CAPÍTULO 15 .....246**

PRÁCTICAS DE LA GESTION DEL CONOCIMIENTO DESDE LA PERSPECTIVA DE LA INTERSECTORIALIDAD UNIVERSIDAD-EMPRESA

Ana Judith Paredes-Chacín

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418515](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418515)

**CAPÍTULO 16 ..... 276**

CULTURA ORGANIZACIONAL E INNOVACIÓN DESDE LAS PEQUEÑAS Y MEDIANAS EMPRESAS

Ciro Martínez Oropesa

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418516](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418516)

**CAPÍTULO 17 .....289**

LAS TÉCNICAS PARA ELABORACIÓN DEL PRESUPUESTO DE CAPITAL Y SU IMPORTANCIA EN LAS DECISIONES DE INVERSIÓN

Pablo Edison Ávila Ramírez

Alexandra Auxiliadora Mendoza Vera

Manuel Antonio Zambrano Basurto

Luis Javier Arteaga Wintong

Betty Lorena Bazarro Lara

Johana Alexandra Navas Ipiales

María Angélica Vera Cedeño

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418517](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418517)

**CAPÍTULO 18 ..... 301**

SOLEDAD ACOSTA DE SAMPER: CONTEXTO, HISTORIA, HÉROES Y HEROÍNAS EN SU ESCRITURA

Rafaela Vos Obeso

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_31072418518](https://doi.org/10.37572/EdArt_31072418518)

**SOBRE O ORGANIZADOR.....312**

**ÍNDICE REMISSIVO .....313**

# CAPÍTULO 10

## PROBLEMÁTICAS SOCIO CULTURALES QUE DESENCADENARON LA CONSTRUCCIÓN DE LA REPRESA SALVAJINA EN LA COMUNIDAD DEL MUNICIPIO DE SUÁREZ CAUCA- SUROCCIDENTE COLOMBIANO

*Data de submissão: 08/05/2024*

*Data de aceite: 24/05/2024*

**Laura Xiomara Molano Agro**

Trabajadora Social  
Fundación Universitaria de Popayán  
Integrante Semillero  
Tra-sos Nortecaucanos

**Lina Juliana Robayo Coral**

Doctora en Educación  
Docente Investigadora  
Fundación Universitaria de Popayán

**RESUMEN:** El presente capítulo de investigación, tiene como objetivo conocer las consecuencias socioculturales generadas por la construcción de la represa salvajina en el municipio de Suárez cauca, sur occidente Colombiano, la cual se centra en el análisis de las situaciones problemáticas que viven las comunidades, el trabajo permite entender el carácter situacional de la comunidad suareña, ya que se encuentra inmersa a un megaproyecto hidráulico para generar energía, basado en la modernización y el desarrollo, el presente trabajo se suscribe en marco de la tesis realizada en el tema. Este trabajo se estructura teóricamente a partir de

la ecología política, la noción de cultura en los estudios culturales, y el trabajo social, como prismas que permiten la interdisciplinariedad para abordar este tipo de realidades.

**PALABRAS CLAVE:** Problemas socio culturales. Comunidad. Represa salvajina.

### CONTEXTO

El municipio de Suárez Cauca se encuentra ubicado al suroccidente del departamento del Cauca, limita al norte y oriente con el municipio de Buenos Aires, al sur oriente y al sur con el municipio de Morales y al occidente con López de Micay; su altura sobre el nivel del mar es de 1050 m, y temperatura media de 27 °C. Está separado de Popayán por 107 km. Su extensión total es de 389,87 km<sup>2</sup>, de los cuales 3,57 km corresponden a la parte urbana.

Limita al norte y oriente con el municipio de Buenos Aires, al sur con el Municipio de Morales y al Occidente con López de Micay, con una extensión de 389,87 km, de los cuales 3,57 km corresponden a la parte urbana.

Sus sectores económicos fundamentales son la minería, la cual se realiza en la zona Suroriental del municipio, la

agricultura con productos como el café, caña de azúcar, el frijol, el maíz, la piscicultura, la avicultura, y la ganadería.

En el año de 1989, mediante Ordenanza 013 del 1º de diciembre, la Asamblea Departamental del Cauca determinó a Suárez como un nuevo municipio, su nombre nació como homenaje al presidente Marco Fidel Suárez, el cual en el año de 1900 hizo construir la estación y la vía del ferrocarril para que este punto de la geografía colombiana surgiera económicamente.

La Salvajina Ciro Molina Garcés fue construida en los años 70, para frenar las inundaciones que se producían en el río Cauca, sobre todo en la región del Valle del Cauca, por otro lado, la producción de energía de esta central se estima en unos 270 megavatios.

Suárez posee una vía principal pavimentada, que comunica al municipio, con el departamento del Valle del Cauca y con Morales; La vía desde Jamundí (Valle del Cauca) a Suárez está siendo pavimentada en el año 2016, por lo que se encuentra en buen estado. Se puede ingresar por Santander de Quilichao o Morales (Cauca). Otras vías secundarias, que comunican al municipio con los corregimientos de la zona; igualmente existen pequeños caminos rurales que interconectan las diferentes veredas.

## RESULTADOS

### DE LA CURIOSIDAD A LA TRISTEZA

**Nombre del entrevistado:** Ismael Juanillo Mina – Autor del libro Salvajina Oro y Pobreza.

**Edad:** 54 años, nacido en el Municipio de Suárez Cauca.

Sobre la construcción de la represa salvajina en esa época tuvimos muchas expectativas, mucha curiosidad de las personas sobre un proyecto tan grande, y también surgió mucha curiosidad cuando empezaron a llegar las maquinarias que fueron unas volquetas muy grandes con llantas más grandes que una persona, motoniveladoras maquinarias que las personas no habían visto antes, a raíz de eso teníamos mucha curiosidad y expectativas altas sobre el proyecto; durante la posesión hubo mucha tristeza, porque muchos predios se dañaron para poder hacer la represa, compraron las fincas, los predios, las casas y todo se iba destruyendo la construcción, entonces hubo mucha tristeza de muchas personas, de igual manera tristeza de muchas personas que les tocó irse del pueblo porque les compraron las casas, a otros les daba alegría porque si no quieren estar en el territorio, pues vendían y como veían que tenían mucha plata eso causó mucha alegría por un tiempo, en la parte del oro hubo mucha euforia, la gente

vivía tranquila, contenta porque había mucho oro, vender oro en la mañana y en la tarde entonces había mucha plata, y con esa plata la gente se sentía bien.

La construcción nos trajo muchos inconvenientes porque en la parte minera fueron afectadas muchas personas, se perdieron minas, sus fuentes de trabajo para la extracción de oro se fueron abajo, otros salieron de la zona de donde estaban, se fueron a la ciudad y en la ciudad no les ha ido muy bien o sea que hubo una ruptura sociocultural, hubo desplazamiento y muchos otros factores negativos, entonces se considera que no se creó mucho beneficio.

En la comunidad antes se practicaba la agricultura y la minería en mayor escala y el comercio que estaba surgiendo, esas eran las actividades que más se practicaban, en cuanto a lo cultural había mucho respeto en las fiestas religiosas, se realizaban actividades de celebración, la fiesta de la virgen del Carmen, se hacían las ferias, se celebraba el día de blancos y negros en enero, el 25 de diciembre la Navidad y Nochebuena era muy diferente, la Semana Santa se celebraba con mucho regocijo y con mucha alegría, el Sábado Santo era una fiesta especial la cual caracterizaba el pueblo.

Hace mucho tiempo los problemas los resolvía el mayor del barrio o de la comunidad, el abuelo o el padre mayor ayudaba a resolver los problemas tanto de las familias como los conflictos de la comunidad.

La masacre del Naya como lo decían los libros y los medios de comunicación, fue un hecho muy triste y muy doloroso, fueron episodios que difícilmente quedaron en la memoria de los que se fueron, dejando un recuerdo fuerte y marcado para la memoria histórica de nuestro municipio.

En cuanto al conflicto armado, en Colombia se viene hablando de ello desde hace más de cincuenta (50) años, la represa salvajina lleva aproximadamente treinta y siete (37) años, entonces esto significa que ya había situaciones complejas en Colombia y en el territorio, acá se escuchaba de grupos armados pero muy remotamente y no había tanta incursión, no se veían los grupos armados tan marcados como en la actualidad.

## SUÁREZ EN RUINA

**Nombre del entrevistado:** Geneida Lucumi.

**Edad:** Reside en el Municipio de Suárez hace 57 años.

Los recuerdos que tengo de la represa salvajina es que fue construida en 1985, en ese tiempo trabajamos, buscábamos oro, cosecharemos café y sacábamos leña del río, cuando vino la construcción de la salvajina todo eso se acabó y pues esperábamos con más expectativa de que hubiera generación de empleo, pero no fue así, fue lo contrario, porque venía gente de afuera.

Yo creo que se beneficiaron fue ellos porque teníamos nuestras tierras y las compraron a precios baratos y todo nos engañaron, quedó mucho desempleo, uno se sostenía con la minería y todo se acabó.

Antes de la construcción había mucha unidad, mucha generación de empleo, las tradiciones de nuestros ancestros se utilizaban, si se moría alguien íbamos al velorio, cantábamos toda la noche y también se rezaba, se repartía pan y todo eso, había gente que salía a festejar las culturas las danzas esas eran nuestras tradiciones que a través del tiempo y de las circunstancias se han ido perdiendo de generación en generación.

Antes había más unidad, más respeto hacia los mayores, había menos peligro, ahora hay mucho peligro, se perdió el respeto, la cultura y muchas de las tradiciones que heredamos de nuestros ancestros.

Los conflictos se solucionaban en la inspección de policía y a veces había diálogos, no había tanta problemática, en los tiempos de Navidad se hacía natilla, se hacían buñuelos y se repartieron en las casas, había mucha unidad, ahora ya nada de eso hay, si había personas con conflictos se les daba consejos y volvía la relación a estar estable, ahora ya todo es con la gente de arriba del campo del monte.

Respecto a los grupos armados, yo estuve en una reunión cuando estuvo Navarro, yo siendo parte de la organización de Suárez como municipio, él en la reunión manifestó, que ellos en la cordillera habían visto construir la represa salvajina, pero que, aún así, que tuviera conocimiento de que existiera no, en este tiempo si está más marcado los grupos armados aquí.

## GUERRA Y DESCONSUELO

**Nombre:** Luis Enrique Huila- Líder social indígena.

**Edad:** 62 años.

Residente de la vereda Cerro Damian, Municipio de Suárez.

En la época de la construcción de la salvajina yo vivía en la finca y pues recuerdo que se quejaba mucho la gente porque compraron las tierras a precios muy irrisorios, lo que no valía, se taparon fincas, minas, plátano, café, no había caminos eso es lo que yo recuerdo y como campesino uno se queda sorprendido de ver tanta agua cuando se creó la construcción, en este tiempo las comunidades indígenas de la parte alta, uno como vive es de la agricultura porque yo vivo bastante distante detrás de la cordillera, cultivamos plátano, caña, frijol, se nos dificulta mucho para bajar insumos a la comunidad, lo mismo para traer los víveres de la cabecera, como la carne cosas así, porque la destrucción de los caminos no nos permitían bajar.



Como comunidad indígena, pensamos que tuvimos más bien problemas porque a pesar de que teníamos la construcción de la salvajina no había energía, no había vía, no había un desarrollo, ahora último ya porque las comunidades nos hemos ido organizando, puesto que ya se han ido viendo algunas mejoras, pero en ese tiempo era muy precaria la situación, en esa época la represa suministro energía un tiempo, ahora ya no.

En las comunidades indígenas y la cultura que hemos tenido es reunirse para hacer trabajos comunitarios y en las tardes nos reunimos con personas que tocaban la guitarra, y la gente iba a bailar, esa era la cultura, eso ya no se hace porque ya los muchachos de ahora ya, van cambiando de pensamiento de cultura, y ya eso no se ha vuelto a ver, esa ruptura sociocultural se dio a raíz de que la salvajina trajo consigo mucha gente de afuera y arrasó con muchas de nuestras costumbres.

Somos una comunidad unida, que para solucionar problemas nos reunimos todos, entonces los trabajos se hacen más fáciles por la tradición que todavía existe.

En cuanto a la masacre del Naya recuerdo que en esa época yo estaba viviendo aquí porque yo fui líder mucho tiempo, fui presidente de la junta de acción comunal mucho tiempo y después aspiré a ser concejal entonces sí, cuando la masacre como concejal pude ayudar por parte de la administración consiguiendo transporte para transportar algunos cadáveres para la zona de arriba, que había muestro en el naya de zonas de acá, era un conflicto de paramilitares que habían venido en ese tiempo y que querían apoderarse del territorio y quieren desterrar a la guerrilla, queriéndose apoderar del oro que había en la salvajina entonces a raíz de eso fue la masacre.

En la comunidad ya habían grupos armados rondando en las veredas, hace mucho tiempo si había gente armada, uno no sabía si eran grupos al margen de la ley o eran soldados, por eso nos tocaba andar calladitos, ahora se ve más concentrado los grupos aquí en el pueblo en este tiempo nos toca andar sometidos, porque ahora uno no puede ni conversar porque de pronto alguien escucha y van y dicen en este tiempo vivimos prevenidos hasta de hablar, con quien hablar y en que sitio, medir sus palabras, porque puede haber acciones negativas.

## BONANZA DE ORO

**Nombre:** Eunice García.

**Edad:** 74 años.

Reside en la vereda Turbina vive en el municipio hace aproximadamente 64 años.

Cuando inició la construcción de la salvajina recuerdo que muchas personas se peleaban por sacar el oro, por qué esa era la riqueza del pueblo antes de la construcción,

la gente salía a rebuscarse en la obra por qué sabían que había una ola de oro impresionante, se peleaban entre sí por qué también llegó gente de afuera a robarnos lo que nos pertenecía, recuerdo que había un punto específico donde el oro abundaba y era en el muro de contención, se sentía un desespero por sacar todo lo que había.

La construcción a mi parecer en muchas cosas nos beneficia, por la parte del turismo, pero en otras no por qué la gente se tuvo que ir dejándolo todo por qué vendieron sus tierras, sus fincas y también se perdieron muchas especies

En la comunidad antes había mucha unión ahora ya no se ve, pues los grupos armados están en todos lados y son los que se encargan de solucionar los problemas de la comunidad antes no se hacía eso, era más interno, mucha gente se dedicaba a la agricultura y ahora ya casi no, nos dedicamos a la pesca ahora ya no por toda la contaminación que hay en el río.

Solucionamos los problemas siempre con la disposición de hablar, ahora todo es con violencia.

De la masacre del Naya recuerdo que fue algo muy conmovedor para muchas familias por qué mataban a mucha gente, recuerdo que en esos tiempos se veían los cuerpos como bajaban por el río, de toda la gente qué mataban.

Los grupos armados siempre han existido y han predominado en esta comunidad.

## VIVIR FELIZMENTE

**Nombre:** Eberito Balanta Pineda.

**Edad:** 71 años.

Reside en el municipio hace 71 años.

Lo único e recuerdo es que el proyecto salvajina lo hizo la cvc en los años 60, en los años 80 empezó la construcción de la represa salvajina, la construcción se hizo con el propósito de generar energía y dando empleo a las comunidades sureñas y sus alrededores, cuyo causal la construcción de la represa salvajina, a pesar de muchas circunstancias de la vida nos trajo muchos problemas a nivel, social, a nivel económico, antes de la construcción había un desarrollo muy importante en cuanto a la agricultura, la minería, la balsería que era la extracción de material del río cauca y esas costumbres acabaron con nuestro sustento.

En el trabajo de la minería a veces trabajaban los agricultores, los que tenían su finca trabajaban en tiempos de verano, se iban también en los tiempos buenos al cauce para extraer el oro de aluvión y a su vez también se extrae el oro de filón, socavón y sus alrededores en todo aquello que vincula la minería y la agricultura todo eso quedó en la

zona del embalse, cuyo factor de desalojo nos trajo muchos problemas porque en medio de la situación la gente emigró a otras ciudades, otros se quedaron aquí, bueno en fin, la gente de plática que la cvc les compró las tierras, mejor dicho eso fue una limosna que les dieron, hoy en día la gente que salió de la zona está pasando mucho trabajo porque han querido regresar a trabajar y no encuentran donde, en medidas proporcionales, lo único que ha quedado de los mineros ha sido la cooperativa de los mineros en representación en el municipio, una entidad prestadora de servicio.

Antes de la construcción vivamos felizmente, trabajamos felizmente, la gente vivía y conseguía el pan de cada día de su sustento felizmente, era de una manera muy clara y correcta, nosotros vivíamos en una situación de que el municipio de Suárez por partes se conseguía la plática, se conseguía la comida, se conseguía lo que se podía conseguir.

Lo único que recuerdo de la masacre del naya que tengo entendido es que esa masacre la hicieron las autodefensas.

Antes de la construcción de la salvajina no había grupos armados en la comunidad, vivíamos en paz, vivíamos tranquilos, aquí no se sabía que era un guerrillero, que era un número nada, en esa ocasión al que se metía en esos cuentos era casero, pero eso lo desconocemos nosotros, no lo había.

Figura No 1 Fuente: Elaboración propia.





Como podemos ver en términos de solucionar los problemas de la comunidad , vemos que hay prácticas que se han perdido, anteriormente en el municipio de Suárez se practicaba la agricultura y la minería con más frecuencia como forma de sustento; con la llegada del mega proyecto salvajina han habido grandes impactos en la vida de la comunidad asentada en la zona ya que a raíz de ello la pérdida de las minas de oro disminuyó la sustentabilidad de los habitantes, originándose rupturas de los vínculos familiares y vecinales, creándose un desarraigo sociocultural, a raíz de que llegaron personas ajenas al municipio se crearon nuevas formas de relacionarse con el territorio, no fue posible seguir realizando labores agrícolas o de pesca, puesto que toda la tierra fértil fue inundada, como tampoco de minería dado que las minas quedaron tapadas por la obra salvajina, así las personas perdieron sus propiedades influyendo esto tanto en la vida familiar como en la cultural, social y económica. Por otro lado las costumbres culturales eran autóctonas de las comunidades negras se apreciaba la danza y el baile en forma de representación del territorio, las fiestas religiosas se celebraban con regocijo y respeto de lo cual queda muy poco, debido a que las personas nativas al municipio se desplazaron a otras partes por que les compraron sus propiedades, cambiando sus formas de vida.

La Construcción de la salvajina en vez de desarrollo sociocultural, trajo consigo sumir a la comunidad en la pobreza y el desarraigo, en la pérdida de calidad de vida, en el deseo de retorno de las personas que en su momento salieron forzosamente del municipio donde se perdió la protección de sus prácticas y tradiciones culturales.

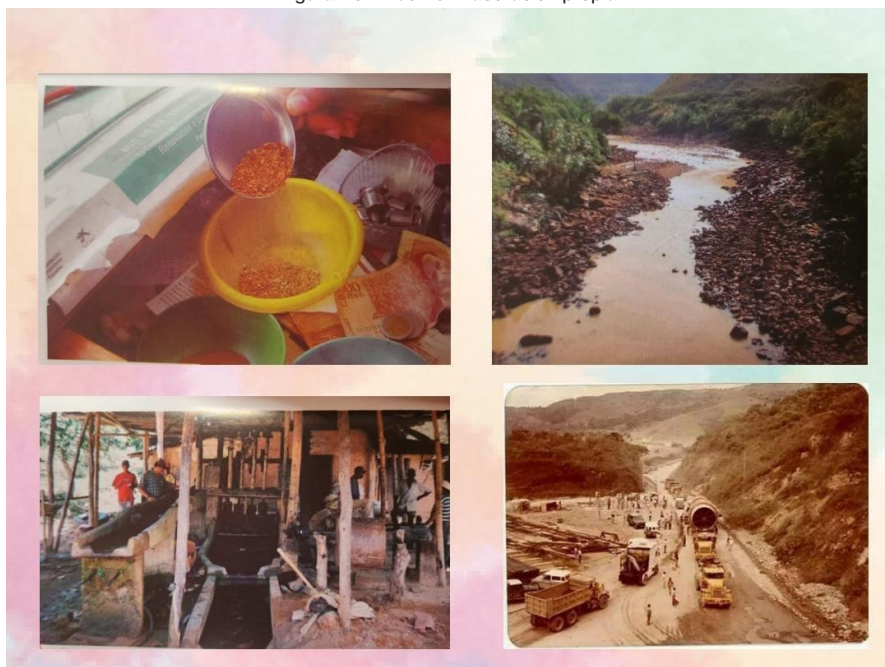
Así desde las voces y testimonios de sujetos sociales, en especial en la comunidad de Suárez, quienes desde sus experiencias, conocimientos y particularidad sociocultural pueden dar cuenta de lo sucedido a través de los años, con la llegada de la construcción de la represa salvajina.

Los impactos no solamente se producen en la cabecera municipal sino también en todas las zonas que se requiere para el proyecto hidroeléctrico salvajina, la simple llegada de un momento a otro de personas ajenas al territorio implica una situación conflictiva y más profundo se vuelve cuando el plazo de tiempo es más o menos largo, de este modo quedan efectos que la comunidad debe afrontar, algunas como secuelas insuperables, como la modificación de los patrones de vida, el cambio de costumbres, el incremento de aspiraciones e inconformidades.

Figura No 3 Fuente: Elaboración propia.



Figura No 4 Fuente: Elaboración propia.



Durante los momentos de la construcción de la represa LA SALVAJINA, se presentaron circunstancias que perjudicaron la movilidad de los habitantes, además de despojo y un forzado desplazamiento de comunidades que llevaban siglos en la zona, muchas cosas cambiaron, renovaron la dinámica de la comunidad y deforestaron demasiada fauna, sin embargo, con esto también se encontraron oportunidades como ingresos monetarios por la venta de comidas a los constructores, ofreciéndoles servicios de uso cotidiano y diario. Más, sin embargo, como hubo ganancias, hubo pérdidas.

El sustento de vida cambio de una forma radical, a raíz de la bonanza de oro que ocasionó la llegada de la construcción de la represa salvajina desencadenó problemáticas sociales y culturales que afectaron de una forma impactante a las personas, entre ellas el desenfrenado consumo de sustancias psicoactivas, por lo tanto, el conflicto cada vez era más grande, puesto que con la llegada de personas ajenas al municipio también se propagaron las enfermedades de transmisión sexual y consigo una problemática en cuanto a la salud. Los habitantes del municipio de Suárez lo recuerdan como un municipio rico en oro y en cultivos agrícolas, el cual se ve hoy de una manera distinta, ya que el proyecto salvajina no sólo inundó sus mejores minas si no que se llevó consigo costumbres de sus ancestros, cultura que los caracterizaba, separó grandes familias, se perdió la unidad y llegó el conflicto por tierras por oro y por muchas otras cosas que

caracterizan y hacen especial el pueblo y su gente, ya que era un territorio de paz donde se vivía de una manera diferente, hay mucha tristeza, pero también ganas de luchar por su territorio y todo lo perdido en aquella época.

Figura No 5 Fuente: Elaboración propia.



Figura No 6 Fuente: Elaboración propia.



Históricamente, el municipio de Suárez ha vivido oleadas de violencia que marcan a la población como un territorio de conflicto, la llegada de la construcción ha desencadenado una problemática preocupante que aún se vive y es el miedo que existe en la comunidad ante el temor sembrado por actores armados, quienes en su defecto son los encargados de solucionar sus conflictos; a raíz del proyecto salvajina la comunidad vio

con temor la entrada de las retroexcavadoras porque llegaron acompañadas de hombre armado, donde nadie puso resistencia contra semejante poder.

En cuanto a la masacre del naya en la comunidad se vivió una ola de pavor que obligó a muchas familias a refugiarse en otras ciudades, ya que la lucha de actores de armados por quedarse con su territorio y su riqueza era muy potente, muchos campesinos y mineros del municipio murieron en la lucha por su territorio por sus minas y sus riquezas, relatos de pobladores del municipio de Suárez narran la tristeza que se vivió en aquellos tiempos, de cómo los mismos habitantes ayudaban a recoger los cuerpos de sus muertos; fue un hecho aterrador que dejó una marca irremediable en el territorio.

Debido al mandato y la fuerza que lograron tener los actores armados en el municipio, se perdió la unidad y la forma de solucionar los conflictos cambió radicalmente, ya no se pacta un diálogo entre sí, sino que se acude a terceros creando terror e incertidumbre, por lo tanto, el miedo puede llegar a inhibir o restringir en cierta medida la acción colectiva o que se realice algún reclamo por la vulneración de sus derechos o la lucha por el territorio de los habitantes del municipio de Suárez.

Figura No 7 Fuente: Elaboración propia.



Ante la construcción de la salvajina la comunidad de Suarez, presentaba problemas de servicios públicos (energía ), en donde, no contaban con la energía como fuente constante en su territorio, por otro lado, no se contaba con caminos para transportar víveres que sustenten la sobrevivencia de la comunidad de Suárez, además procesos como el desarrollo y crecimiento social del municipio estaban dados por perdidos, ya que los interesados en realizar la obra no pensaron en las consecuencias negativas que este

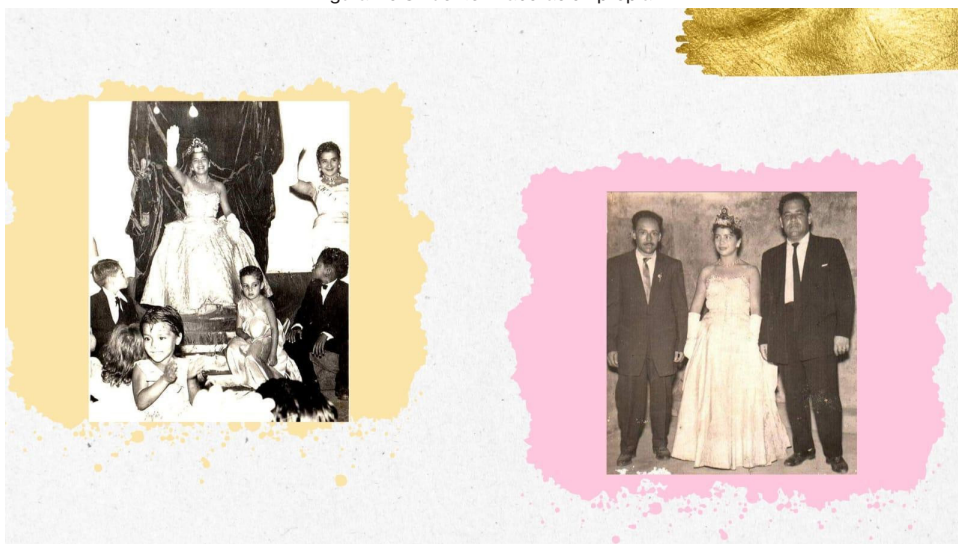


podría traerle al municipio, los habitantes del municipio en medio de los relatos cuentan con mucha tristeza que para ellos fue un proyecto lleno de engaños para la comunidad, se crearon muchas expectativas que no fueron reales, fue un impacto negativo que afectó mucho a la población, la lucha por los derechos que fueron vulnerados en aquella época aún se vive en el municipio, las ganas porque el municipio de Suárez se pueda reconstruir por aquello que se pierde a través de los años sigue viva, porque el desarrollo de este cada vez sea más positivo y que su gente viva en tranquilidad día a día sigue vigente y con más fuerza a través de los años.

Sin embargo, con la construcción de la represa la comunidad tuvo la oportunidad de acceder a beneficios como empleo en las obras, los servicios de luz, caminos aceptables para transportar los víveres de la comunidad e incluso el acceso a nuevos visitantes por la represa, promovió el turismo y el desarrollo y crecimiento de la comunidad y el municipio.

Finalizando el proyecto salvajina, el municipio queda consternado en una soledad relativa, sin empleo y sin actividades agropecuarias, ya que a raíz de que los campesinos obtuvieron empleo en las obras se produjo una desarticulación de la producción campesina donde abandonaron su producción transitoriamente, a raíz de ello muchas personas derrocharon su dinero y al finalizar la obra quedaron sin empleo y sin un sustento, porque las tierras estaban fértiles y algunas inundadas por la salvajina. Suárez

Figura No 8 Fuente: Elaboración propia.



Debido a que la cultura del municipio de Suárez, Cauca, está abarcado en su gran mayoría por una comunidad afrocolombiana sus costumbres vienen enlazadas por lo que los representa como miembros negros y sus ancestros africanos, costumbres como el

canto o procesos de cantos durante los velorios o entierros radicando que su esencia y creencias van basadas a sus antepasados y aún más cuando su fe radica que al muerto se despide con honores y alegría, por otro lado, la danza era una parte importante en las vidas de la comunidad de Suárez se hacían viernes culturales donde la danza era uno de los bailes más importantes, incluyéndose en cualquier proceso cultural del municipio, además procesos como concursos de belleza donde toda la comunidad era participe de estos eventos, donde se potencializaban espacios de recreación y aprendizaje para todo tipo de personas , festejos religiosos, celebración del día de blancos y negros y el festejo especial realizado los sábados santos. En cuanto a la sustentabilidad del municipio, la agricultura era un fuerte generador de ingresos, ya que los campesinos cultivan café, maíz, plátano, café entre otros, lo que con el pasar del tiempo y con la llegada de la salvajina disminuyó, muchos campesinos vendieron sus tierras o empezaron a sembrar cultivos ilícitos en el territorio.

Sin embargo, todo esto que los caracterizaba como población sureña poco a poco después de la construcción de la represa LA SALVAJINA fue perdiendo importancia para la comunidad, radicando su desinterés a la pérdida de una gran parte de la comunidad nativa.

## REFLEXIONES Y CONSIDERACIONES FINALES

En estos escenarios el trabajo social es un factor fundamental en la intervención social, por lo que es importante impulsar una discusión disciplinar y el ejercicio profesional hacia posiciones epistemológicas y metodológicas que permitan superar la racionalidad instrumental económica que ocultan los mega proyectos de los gobiernos nacionales.

Proponemos ubicarse profesionalmente en escenarios de conflictos eco territoriales desde lo que definimos como una “racionalidad territorial eco política” para orientar el acercamiento de la realidad en un ejercicio diagnóstico permanente y en diálogo con el resto de las fases de la intervención social, que tenga como punto de partida el rescate de la historia social y ambiental de los territorios para comprender la trayectoria socio histórica y las memorias colectivas de la relación sociedad-naturaleza de estos, y, por lo tanto, de los conflictos previos que hayan existido allí. Además, en esta racionalidad buscamos la incorporación, valoración y el diálogo participativo horizontal entre las diversas culturas y territorialidades existentes en las zonas en cuestión, integrando las perspectivas ciudadanas, ecológicas con las matrices indígenas comunitarias ancestrales para la acción profesional; procurando develar e incorporar las demandas y utopías de los actores territoriales respecto al futuro de los territorios, comprendiendo a la naturaleza y

a los seres humanos como sujetos de derechos de diversa índole. Buscamos también dar cuenta de las diversas redes sociales, actores y territorialidades comunitarias existentes y en su relación con los bienes comunes naturales en el territorio como punto de partida, donde se identifiquen espacios y oportunidades para una gestión situada, territorial y participativa de los bienes comunes naturales, otorgando suma importancia a los impactos de las actividades económicas en el mediano y largo plazo.

El trabajo social constituye un importante actor para la implementación de estos megaproyectos extractivistas en los territorios locales, ya que en nuestra acción profesional asumimos junto con las comunidades afectadas los impactos negativos de carácter económico, político y sociocultural que producen los diversos mega-proyectos en desarrollo, para controlar los territorios locales, los tejidos sociales y bienes comunes naturales porque somos una disciplina que se ubica en un espacio estratégico de interacción entre diversidad de actores.

En el quehacer profesional nos enfrentamos a comunidades que se dividen en esta lucha por la territorialidad de los espacios de vida. Los trabajadores sociales tienden a tener un campo de acción profesional que se va entretejiendo de la mano con las organizaciones y actores locales que levantan sus territorialidades como el eje de su reivindicación social.

Desde el escenario del trabajo social se pueden enfrentar contextos de una manera más integral, estratégica y situada, por ende es necesario profundizar reflexiones y perspectivas profesionales que nos permitan identificar algunas realidades; el trabajo social nos permite velar por la defensa de los derechos humanos, ya que en el caso de los mega-proyectos esta es una de las problemáticas más latentes, la justicia social y ambiental, el respeto por la autodeterminación tanto de las personas como de las comunidades.

Los conflictos eco territoriales son una muestra de los nuevos escenarios que enfrentan numerosas comunidades, en las que se generan complejas realidades que desafían al trabajo social como profesión, los conflictos eco territoriales permiten involucrar al trabajo social a través de diversos actores en los territorios donde son existentes las desigualdades sociales y las relaciones de poder, es relevante expandir y profundizar espacios de reflexión desde esta profesión para analizar, investigar, comprender y enfrentar nuevos contextos y con ello crear perspectivas transformadoras.

De igual importancia como profesión es necesario integrar perspectivas y estrategias que permitan considerar con mayor importancia la opinión de las personas y comunidades afectadas, en este caso poder garantizar el derecho a la información, el derecho a decidir soberanamente sobre el rumbo de sus territorios donde el trabajo

social se centra en ser facilitador y garante de la democracia territorial a través de la acción profesional.

Para los habitantes del municipio de Suárez cauca que han visto su territorio casi perdido por estos procesos, la acción colectiva se ha convertido en una herramienta y estrategia enfocada en nuevas alternativas para la defensa de su territorio, es relevante tener claridad que la idea del cambio surge a través de una historia en común de algo que permaneces de una manera individual y colectiva.

A partir del quehacer profesional se requiere reconocer y comprender el contexto en el que la comunidad vive de una manera más profunda, se basa inicialmente en entender la realidad que atraviesa cada persona, de esta manera nos permite observar cada punto de vista de forma respetuosa y darse cuenta de los procesos con más claridad; entretejiendo un camino para conseguir el cambio deseado, convirtiendo la acción profesional en un ente clave para lograr la transformación de las comunidades afectadas por este tipo de proyectos que a través del tiempo deterioran sus raíces.

A raíz de ellos hoy en día, el conocer la historia de Suárez como comunidad y su proceso a causa de la llegada de la construcción de la represa salvajina permite que esta historia no se quede en el olvido, puesto que sus habitantes han rescatado la memoria histórica del municipio, y las distintas voces que hoy por hoy nos comparten sus saberes acerca de tan importante tema, simbolizan significados, el sentido de pertenencia, el amor por su territorio, los saberes ancestrales que siguen estando presentes, pero que lastimosamente sus prácticas acabaron; todas y cada una de las historias contadas por pobladores nos trazan un camino permitiéndonos entender que hay formas de resistencia que ayudan a tejer memorias.

Trabajo social dentro de los territorios marcados por la desigualdad social se debe apoyar el fortalecimiento de los procesos colectivos y potenciar las vías jurídicas para garantizar los derechos sociales y culturales; es necesario fortalecer los procesos colectivos y trabajar de la mano con la comunidad como estrategia que permita una acción liberadora y humanizadora.

A lo largo de la investigación se logra evidenciar los cambios en las dinámicas territoriales en el municipio de Suárez, producto de la construcción de la salvajina construida en la década de los 80 's hasta el momento la cual alteró evidentemente de forma negativa e imprevista la vida de su comunidad.

Lo anterior convocó la acción colectiva en pro de la defensa del territorio y la reivindicación de los derechos colectivos, por lo que nos lleva a reflexionar a través del trabajo social como profesión para reflexionar para buscar alternativas transformadoras

humanizadas. Permite hacer respetar diferentes opiniones de la sociedad a partir de ello para que no se estandarice ni se imponga una visión de desarrollo fuera de sus marcos culturales y sociales.

Se debe potenciar la resistencia cultural desde la autonomía, ésta logrará que la comunidad persiga su visión de desarrollo y que trabaje unida para ello, el trabajo social debe aportar la recuperación de la memoria histórica como punto principal para forjar la identidad de la comunidad.

“El Trabajo Social puede contribuir a facilitar las condiciones para que, sin violar el derecho a la autonomía de los pueblos, sus opciones sean reconocidas y respetadas en la sociedad mayoritaria. La incidencia social y política ante el Estado y las entidades de gobierno con responsabilidad y competencia en la protección y ejercicio de los derechos de los pueblos como principal estrategia es un campo de acción en el cual Trabajo Social tiene un importante papel “El Trabajo Social promueve el cambio social, la solución de problemas en las relaciones humanas y el empoderamiento y la liberación de las personas para el alcance del bien-estar. Empleando teorías sobre el comportamiento humano y los sistemas sociales, el Trabajo Social interviene en los puntos de interacción de las personas con su Medio Ambiente y está presente de manera importante en casos en los que son patentes las divisiones sociales, por ejemplo, la religión, el género, la etnicidad y la “raza”, la orientación sexual, etc. Por ello, los principios de los derechos humanos y la justicia social son fundamentales para el Trabajo Social.” (Grueso, 2013: 127).

De acuerdo con Grueso (2013), la acción social, desde el enfoque de derechos, implica el reconocer a los sujetos como portadores de derechos y eso tiene que ver con la autonomía, con la gobernabilidad, con potencialidad de visiones de desarrollo distintas, tiene que ver con que la pluralidad y la democracia del Estado colombiano, por lo que implica que tenga opciones de desarrollo distintas y hacia ello camina la comunidad de Suárez, invitando al profesional del Trabajo Social a que lo acompañe en este transitar.

“El papel del Trabajo Social no puede limitarse solo a denunciar las injusticias e inequidades que ocasiona el sistema capitalista o el modelo económico neoliberal; debe brindar herramientas para enriquecer la lectura que hace la gente de su realidad a partir del reconocimiento de sus previos marcos interpretativos y ampliar sus visiones de futuro a partir del diálogo con las aspiraciones y anhelos cotidianos de la gente”.[...] Aquí, la acción colectiva debe ser “política en la medida en que evidencia el carácter político de todas las esferas de la vida social, confronta al Estado y sus políticas, politiza los sujetos que participan en ellos y amplía las fronteras de la democracia y la ciudadanía.” (Torres, 2007: 116)

A partir del estudio de los enfoques que desde el Trabajo Social se han desarrollado en torno a la intervención con grupos étnicos, se identifica que un debate central que emerge y que parece encadenar la mayoría de las posturas es el posicionamiento ético de la profesión.

Banks (1998) por ejemplo señala que los códigos de ética deben reflejar las perspectivas de toda la comunidad y no solo las de unas partes fragmentadas. Mientras unos autores expresan el compromiso del Trabajo Social con la equidad y la justicia social como medios para posicionar nuevos valores culturales que abracen la diversidad de pueblos (Graham 1999), otros arguyen que es en la práctica profesional cuando surgen nuevos valores que le permiten a los profesionales enfrentar las situaciones diarias. Estos autores a su vez proponen una reflexión sobre tales conocimientos emergentes que se construyen como saberes locales marcados por las particularidades del contexto.

El Trabajo Social desde hace varias décadas siempre se ha interesado de manera reflexiva por la cuestión étnica. Inicialmente lo hizo transformando los métodos clásicos del Trabajo Social y cuestionando las estructuras de opresión y dominación. Estos avances no solo permiten estudiar hoy en día las desigualdades sociales que enfrentan las poblaciones negra, afrocolombiana, palenquera y raizal en Colombia, sino que constituyen otros valiosos pilares para impulsar la discusión sobre el abordaje de la cuestión étnica desde el Trabajo Social.

## SOBRE O ORGANIZADOR

**Luis Fernando González-Beltrán-** Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acapulco 134, 136, 138, 139, 140, 141, 142

Adopção digital 201

Agencia humana 91, 92, 93, 94, 102, 103

### B

Bandera Azul 134, 138, 139, 140

Bétaré-Oya 162, 167

### C

Certificación de playas 134, 138, 139

Client 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132

Climate projections 180, 195

Comercio local y globalización 221

Competitividad empresarial 269, 276

Compromiso 4, 7, 54, 85, 99, 101, 117, 160, 252, 263, 280, 281, 282

Comunidad 24, 33, 35, 40, 54, 56, 59, 67, 68, 69, 81, 137, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160

Crítica feminista 301

Cultura organizacional 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 285, 286

Cultura y sociedad 1

### D

Deforestation 162, 164, 174, 175, 177, 178

Dilemma 161, 162, 171, 172, 175, 177

Docencia e interculturalidad 1

### E

Educación intercultural 1, 4, 5, 11, 12, 13

Educación primaria rural 1, 12

Educación superior 4, 12, 24, 25, 32, 37, 38, 53, 90, 92, 99, 101, 102, 254

Educación técnica 23

Enseñanza aprendizaje 23, 25, 26, 27, 36, 90



Enseñanza y aprendizaje 39, 40, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 78, 80, 81, 82, 83, 86, 90

Entorno organizacional 246, 269

Estudiantes 1, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 85, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

## F

Fire danger 180, 183, 184, 185, 186, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200

Fire weather index 180, 183, 186, 187, 196, 198, 200

Flujo de efectivo descontado 290, 292, 294

## G

Gestión de cambios 276

Gestión del conocimiento 246, 250, 254, 258, 262, 263, 264, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 278

Gestión de riesgos 276, 283

## H

Habilidades sociales 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 99, 102

Hábitos de consumo 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 214, 215, 217

Hard skills 122, 123, 124, 125, 131, 132

Héroes y heroínas 301, 309

Humanidad 3, 23, 117, 118, 119, 120, 303

## I

Impacto de multinacionales en Colombia 221

Innovación empresarial 276

Instrumentos de recoleção de dados 104, 106, 107, 115

Inteligencia artificial 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 117, 118, 119, 120

Intersectorialidad empresarial 246

Investigação em educação 104, 106, 107, 108, 114, 115, 116

Invisibilidad femenina 301

## L

Lenguaje de señas 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 61, 63, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 85

Liberales y conservadores 301, 303, 306

Lom & Djérem 161, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

## M

Mining 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Modelo híbrido 23, 27, 32

Moralidad 117

## O

Observação 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

## P

Pagos electrónicos 201, 203, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Pandemia de COVID-19 24, 26, 201, 203, 210, 213, 215, 217

Paradigma pragmático 104, 106, 107, 114

Personas sordas 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88

Perspectivas educativas 92

Presupuesto de capital 289, 290, 291, 292, 295, 297, 298, 299

Problemas socio culturales 143

Professional relationship 122, 123, 132

## R

Racionamiento de capital 289, 290, 297

Redes sociales 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 101, 157, 206, 241

Regional climate models 180, 184, 198

Rendimiento académico 44, 45, 48, 51, 52, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79, 85, 91, 92, 94, 99, 101, 102

Represa salvajina 143, 144, 145, 146, 148, 151, 152, 158

Ruralidad e interculturalidad 1

## S

Sistema digital 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 86

Sistema Digital de Enseñanza y Aprendizaje 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 64, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 78, 80, 81, 82, 86

Social worker 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132

Soft skills 122, 123, 125, 126, 127, 129, 131, 132, 133

Soledad Acosta de Samper 301, 302, 304, 306, 308, 310, 311

## T

Técnicas de evaluación de proyectos 290

Tecnología 14, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 58, 69, 70, 79, 84, 85, 89, 104, 111, 115, 117, 119, 120, 134, 230, 255, 256, 260, 261, 262, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 280, 282, 286

Tecnologías de la Información y la Comunicación 39, 249

Tratamiento de datos 104, 106

Turismo sostenible 134, 137, 138, 141, 142

## U

Universidad empres 246, 250, 253, 254, 260, 263, 264, 265, 267, 268, 269, 271, 272